



O NEGRO-MESTIÇO E A NARRATIVA FOTOJORNALÍSTICA: UM OUTRO NOS CADERNOS “CIDADE”

Paulo Bernardo Ferreira Vaz¹

Frederico de Mello Brandão Tavares²

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este trabalho busca analisar a forma como o negro-mestiço está retratado em fotografias de três grandes jornais impressos: Folha de S.Paulo, O Globo e Estado de Minas. Recortando a cidade dentro do jornal, incidimos nosso olhar sobre os cadernos conhecidos como “Cidade” e buscamos, através das narrativas visuais compostas neste espaço (na relação entre as fotografias e suas temáticas) perceber como os negros-mestiços nelas aparecem. Na articulação do conjunto de fotografias e nas conexões existentes entre elas, nosso trabalho expõe várias faces de um Outro social (hoje também cidadão) que, ao longo de nossa história, sempre trouxe consigo a marca da alteridade e da exclusão. Por fim, vale dizer, que este estudo se insere no projeto integrado de pesquisa *Narrativas do Cotidiano: na mídia, na rua, do GRIS* (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da Fafich/ UFMG).

Palavras-Chave: Cidade, Negro-mestiço, Fotojornalismo.

1. INTRODUÇÃO

A imagem no jornal possui força e torna-se a comprovação visível de um acontecimento, instrumento que justifica e legitima a informação escrita pelo jornalista. Devido a essa importância e representatividade as fotografias jornalísticas demonstram e flagram muitos processos de exclusão e inclusão na sociedade. As fotografias tornam visíveis muitas diferenças históricas, atualizadas, de forma constante, elucidando a hierarquia social, econômica e étnica, que circunda as relações entre os diversos sujeitos sociais que compõem e atuam construtiva e comunicativamente sobre o cotidiano. Nas imagens jornalísticas, a

¹ Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da UFMG.

² Mestrando em Comunicação Social pela UFMG.



alteridade desponta ora disfarçada, ora naturalizada, impregnada em sujeitos específicos. As imagens portanto, podem maquilar e/ou construir um Outro; elas podem revelar identidades e a estrutura da sociedade, suas diferenças e contradições. Elas podem contribuir, e muito, para a perpetuação e atualização de um imaginário a cerca dos sujeitos.

Analisar a construção de narrativas visuais elaboradas pelos jornais³ é o objetivo principal deste trabalho⁴. Buscamos apreender as narrativas fotojornalísticas a partir dos seus conteúdos e da sua inserção no conjunto do jornal. Mais especificamente, buscamos perceber quem é o Outro social visualmente representado e quais processos sociais são denotados nas imagens em que este sujeito aparece.

Entendendo o Outro social como sujeito construído sócio-historicamente e, com base na singularidade que essa construção possui em nosso país, centramos nossa atenção na figura do negro-mestiço: personagem, tido como vítima de exclusão e preconceitos, corporificador de uma alteridade que se faz presente tanto na questão social quanto na racial.

Como espaço de presença deste sujeito, delimitamos o território da cidade. Incidimos nosso olhar sobre os cadernos conhecidos como “Cidade”⁵ e buscamos, através das narrativas visuais compostas neste espaço (na relação entre as fotografias e suas temáticas) perceber como os negros-mestiços nelas aparecem⁶. Na articulação do conjunto de fotografias e nas

³ Selecionamos os jornais Folha de S.Paulo, O Globo e Estado de Minas: os dois primeiros são as publicações diárias de maior tiragem e circulação no país; e o terceiro, a de maior tiragem e circulação no estado de Minas Gerais, onde desenvolvemos nossa pesquisa. Com relação ao recorte temporal, demarcamos um período de sete semanas consecutivas – de 1º de junho de 2001 a 19 de julho de 2001 –, no qual selecionamos edições de segunda-feira a domingo. Em cada semana, um dia foi selecionado; na primeira semana, trabalhamos com a sexta-feira, na segunda com o sábado, e assim por diante. Ao final da coleta, alcançamos um recorte que abarcou os sete dias da semana, ao longo de sete semanas, com notícias variadas, impedindo um empobrecimento do conteúdo a ser trabalhado. Esse procedimento se faz pertinente, uma vez que, na rotina jornalística, o período de sete dias seguidos de uma mesma semana é pouco expressivo no que diz respeito à variedade e atualização de temas.

⁴ Este trabalho está inserido no Projeto Integrado de Pesquisa *Narrativas do Cotidiano: na mídia, na rua*, desenvolvido pelo GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), no período de março de 2001 a março de 2003, com o apoio do CNPq, da Fapemig e da UFMG. Vale dizer ainda que o estudo está vinculado ao subprojeto de pesquisa “A representação visual do Outro na mídia impressa” e é fruto direto de uma monografia de Iniciação Científica, desenvolvida como trabalho de conclusão de pesquisa.

⁵ No caso dos jornais por nós estudados, tais cadernos são assim denominados: FOLHA COTIDIANO (Folha de S.Paulo), RIO (O Globo) e GERAIS (Estado de Minas).

É válido ainda lembrar que a cobertura fotográfica dos cadernos “Cidade” é aquela que, no jornal, ocorre de forma mais intensa, possuindo um maior número de fotografos envolvidos se comparada às outras editorias.

Não esquecendo da especificidade da capa do jornal, espécie de “porta de entrada” para o leitor, também trabalhamos com todas as imagens que figuraram nas capas dos periódicos cujas temáticas e a notícia em si direcionavam-se, no interior dos jornais, para os cadernos “Cidade”.

⁶ Os cadernos “Cidade” são o espaço, dentro do jornal, onde, no nosso recorte, o negro-mestiço apareceu, numericamente, mais vezes representado.



conexões existentes entre elas⁷, nosso trabalho expõe várias faces de um Outro social (hoje também cidadão) que, ao longo de nossa história, sempre trouxe consigo a marca da alteridade e da exclusão. Nossa intenção é traçar pontes entre as fotografias, buscando, a partir do muitos fios invisíveis que as ligam, perceber uma narrativa, construir uma narrativa, que traduza uma realidade configurada e que responda nossos questionamentos.

2. APONTAMENTOS TEÓRICOS

2.1. A fotografia e o fotojornalismo

A fotografia é talvez a forma de representação visual mais evidente no jornalismo impresso. Seu papel por ela desempenhado nesse suporte é de extrema importância. Por si só ela estabelece uma troca comunicacional e relacional entre os sujeitos e o mundo provocando um elo entre interpretações e significações, instaurando realidades. A imagem fotográfica, “compreendida enquanto signo ou representamen, menos que apresentar um mundo a um sujeito, também o institui, exatamente porque é signo trazendo em si um potencial de significação” (Arruda, 2000: 80). Assim, a representação fotográfica traz em si um contexto social. Enquanto elemento de traços semióticos marcantes e, ao mesmo tempo, como imagem produzida a partir de uma bagagem cultural e ideológica, a fotografia é um veículo de transmissão simbólica e de relevante dimensão comunicativa. Ela enquadra uma sociabilidade e, ao mesmo tempo, nos remete à idéia da vivência espaço-tempo dos sujeitos, ao cotidiano.

A fotografia torna-se uma arma para o jornalista, que busca dar sempre veracidade àquilo sobre o qual escreve. Segundo Lorenzo Vilches, “toda fotografía produce una ‘impresión de realidad’ que en el contexto de la prensa se traduce por una ‘impresión de verdad’ (Vilches, 1993: 19)”. O repórter fotográfico recorta as múltiplas realidades do cotidiano e as maneja de acordo com construções, recriando e instaurando novos contextos, afirmando e reafirmando os sujeitos no mundo. As fotografias presentes no jornal não são meramente ilustrativas e sim narrativas dotadas de uma mensagem específica e intencionada. Essa intenção e especificidade faz com que a conexão texto e imagem dentro do jornal e da

⁷ No período de novembro de 2001 a maio de 2002, realizamos um estudo quantitativo (tabelas e gráficos) e qualitativo (descrições) das fotografias presentes no material empírico coletado. Deste processo, originou-se um catálogo de coleta de



página do jornal, crie, entre si, uma interdependência contínua. Diagramação, títulos e legendas possuem papel decisivo na percepção da fotografia jornalística.

A estrutura da imagem jornalística é por vezes complexa e por isso, a mesma se configura como um produto de diversas transformações discursivas. Buscar nas fotos jornalísticas a representação de sujeitos sociais é saber lidar com realidades históricas que, marcadas pela dinâmica dos meios de comunicação impressa, são atualizadas e re-significadas diariamente. Ao veicular imagens o jornal sabe o que pretende mostrar. A fotografia seleciona narrativamente personagens e fatos sociais como peças chaves da construção da história cotidiana e em seu caráter social, político e cultural, vai construindo características e demarcando estereótipos sociais. As fotografias jornalísticas não são inocentes.

2.2. Cotidiano, cidade e jornalismo

Se considerarmos o cotidiano como aquilo que se faz ou sucede todos os dias, nos deparamos com um número sem fim de situações e acontecimentos que ocorrem em ritmo alucinante e de forma desordenada, instaurando múltiplas realidades. No mundo atual, os diversos sujeitos sociais atuam construindo seus espaços de convivência e suas identidades, ao mesmo tempo em que compartilham relações e sentidos. O cotidiano é o lugar da experiência, da partilha, da identificação, da construção, da vivência. É o lugar por excelência da sociabilidade, lugar marcado por uma facticidade contínua e finita, que se apresenta objetivamente, e permeia uma intersubjetividade coletiva (Berger e Luckmann, 2000).

Nesse universo construtivo, a tensão se faz presente. No reino do vivido social e da experiência a semelhança existe e é atravessada, a todo o momento, pela diferença. Igualdades e desigualdades posicionam os sujeitos e os inserem em um contexto de acordos e rupturas nas diferentes esferas da sociedade. Identidades são construídas e recriadas através desse jogo. Em consequência disso é no cotidiano que “nos tornamos observadores de nós mesmos e do próximo, isto vale dizer: do outro, dos outros e do mundo, portanto do território” (Mesquita, 2002: 19). E, concordando com Lefebvre (Lefebvre, 1969 apud Amaral, 1992) que definiu a cidade como a “projeção da sociedade sobre um dado território”, optamos por pensar o

pesquisa, que foi de extrema importância para o delineamento de nossa análise, como a definição de temáticas.



cotidiano e suas manifestações (as relações e os sujeitos que estudamos, os negros-mestiços) a partir da cidade.

As cidades são lugares de encontros e desencontros que constroem cotidianamente realidades e situam os sujeitos, posicionando-os na sociedade, deixando às claras, as desigualdades na distribuição de poder, fortalecendo identidades e alteridades continuamente. O cotidiano, quando localizado na cidade, ganha contornos e reflete, mais facilmente, os problemas do mundo contemporâneo, colocando lado a lado, por exemplo, riqueza e pobreza. No interior dos veículos diários de mídia impressa, encontramos a melhor tradução deste cenário nos cadernos “Cidade”. São eles um recorte do espaço urbano e, ao mesmo tempo, uma narrativa da realidade mais próxima dos leitores⁸. Os cadernos⁹ “Cidade” são a definição de uma cidade e de um cotidiano especificamente delimitados e construídos pelos jornais.

2.2.1. A cidade dos jornais: os cadernos “Cidade”

“O pano de fundo do caderno ‘Cidade’ é a questão social”¹⁰. Sendo assim, a cidade é buscada por estes cadernos através de um outro ângulo. Um ângulo que aproxime o jornal do cidadão comum, do grande público leitor, da comunidade ou das comunidades da cidade. Nos cadernos “Cidade”, o factual, o imprevisível – um protesto, um acidente, por exemplo – está envolvido em uma série de “macro-setores” originalmente ligados às políticas públicas específicas que afetam a vida dos cidadãos no dia-a-dia. Educação, saúde, transporte, alimentação, ajuste de preços, habitação, segurança pública, são grandes temáticas que circundam a editoria.

Outra temática que merece destaque é a segurança pública, a violência. Em vista do contexto hoje vivido pelo país, este assunto é presença constante nos jornais e vem crescendo diariamente na cobertura jornalística. Devido à proximidade desta questão ao cotidiano do cidadão comum, é justamente no caderno “Cidade” que este tema se encontra mais fortemente abordado.

⁸ Michel de Certeau afirma que “planejar a cidade é ao mesmo tempo *pensar a própria pluralidade* do real e *dar efetividade* a este pensamento do plural: é saber e poder articular” (Certeau, 1994: 172). Nos cadernos “Cidade”, o fazer jornalístico, de fato, articula o cotidiano a partir da pluralidade da cidade e, diariamente, estabelece maneiras de pensar e transmitir os acontecimentos que ali ocorrem.

⁹ Trabalharemos com a noção de “caderno” nos jornais como sinônimo de editoria.

¹⁰ Trecho de entrevista concedida por José Luiz Longo em novembro de 2002.



Por fim, vale citar que nas editorias de “Cidade” está a cidade em si, seus monumentos, seus locais e sua cultura, os hábitos e as tradições, o comportamento dos habitantes, o obituário dos moradores. Os cidadãos comuns são figuras importantes, articuladores invisíveis da vida na cidade, não somente como protagonistas (como nos exemplos acima), mas como coadjuvantes, direta e indiretamente envolvidos em tudo que nela acontece.

2.3. Um Outro histórico e social

Na sociedade brasileira de hoje encontramos muitas ressonâncias do sistema escravocrata que aqui vigorou. A justificativa ideológica que teve como fio condutor o mito da superioridade e inferioridade racial, ainda hoje encontra ecos no comportamento da sociedade, o que fica visível na imobilização dos negros e mestiços em muitos setores sociais. Depois de mais de um século da abolição da escravatura no Brasil, o que se vê ainda é uma sociedade hierarquizada em critérios de riqueza, poder e cor. Os negros e mestiços permanecem entre a maioria pobre do país, enquanto que a minoria rica é majoritariamente branca. São eles sujeitos vítimas de preconceitos ao longo de nossa história e que devido a enormes lacunas, continuam, muitas vezes, sendo Outro em nosso cotidiano.

Com base nesse contexto é de extrema importância pensarmos o papel das classes na constituição da hierarquia social e racial no Brasil. A classe dominante está ligada à criação e legitimação da prática do racismo em nossa sociedade. Dalmir Francisco (1997) afirma que o racismo é a principal característica da formação social e histórica brasileira.

Hoje, o discurso cotidiano duplica/ reafirma as formulações ideológicas do período escravista, dotando-as de novas significações. E, por isso, vários mecanismos de negação do racismo ocorrem no comportamento dos indivíduos na sociedade. Segundo Lilia Schwarcz (1996), no Brasil o preconceito e a discriminação existem, mas são sempre atributos do “outro”: o brasileiro (indivíduo) se sente uma “ilha de democracia racial” cercado de racistas por todos os lados. Utilizando-se de duas expressões a autora diz que há no Brasil um preconceito de ter preconceito (“feliz expressão cunhada por Florestan Fernandes”) e que aqui se pratica um “racismo cordial”: o sujeito se mostra amável (para fora) mas, na prática, reproduz hierarquias cristalizadas e intocadas. “O racismo no Brasil é vivido, mais do que



afirmado, o que torna difícil a própria definição do termo preconceito no contexto brasileiro” (Schwarcz, 1996: 176). Nas palavras de Milton Santos, “(...) o Brasil é o país onde certamente mais se pensa e menos se fala, onde as pessoas pensam racista e não falam racista” (Santos, 1995: 119). O racismo se manifesta na ação invisível e naturalizada do cotidiano. Uma vez que estamos discutindo a singularidade das relações sociais e étnicas brasileiras a partir da perspectiva racial, assim como a existência de racismo em nossa sociedade, cabe esclarecermos a especificidade desse preconceito e discriminação em nossa realidade.

No Brasil, os modos de constituição da identidade e alteridade negra estão relacionados às experiências históricas ligadas ao corpo e à cor da pele. No senso comum e nas interações diárias a cor da pele funciona como uma espécie de recurso simbólico de aceitação que legitima a superioridade de um grupo ou superioridade de outro. Assim sendo, a cor da pele é a característica principal do traço racial que define as expectativas dos brancos em relação aos negros em nossa sociedade. Apesar disso, não podemos esquecer que outros traços são utilizados para a realização da distinção racial entre os sujeitos, o que é também complicador e torna a classificação racial mais confusa e sem critérios definidos. E é justamente “a resultante dessa indeterminação nas distinções raciais faz com que o fenótipo, ou melhor, certos traços físicos, como o formato da cabeça, o tipo de cabelo e a coloração de pele, se transformem nas principais variáveis de discriminação” (Schwarcz: 2001: 68). No Brasil, raça é uma questão de marca, e não de origem (Munanga, 1996). E, na prática social, essa noção é atuante e não tem sido modificada. Em razão dos “critérios cromáticos” é que não limitamos nosso estudo somente à representação dos negros mas também à dos mestiços, utilizando-nos para isso da definição negro-mestiço. E será com base na classificação racial do senso comum (por fenotípia) que realizaremos a análise de nosso corpus.



3. CENAS DA CIDADE

3.1. O negro-mestiço cidadão citadino: o cidadão comum e “incomum”

As fotografias jornalísticas, baseadas no universo da cidade, no movimento diário de seus pedestres e nas ações mais triviais, ressaltam os cidadãos comuns e “incomuns”¹¹ que habitam as ruas e palcos da realidade cotidiana. Nos cenários urbanos percebidos, os personagens fotografados muito mais do que ocupar um espaço, também participavam dele e o constituíam. A presença dos negros-mestiços nas fotografias foi para nós, indicador desse papel. Por meio das imagens captamos o ambiente e a realidade individual e coletiva que cercam estes habitantes¹² da cidade.

Segundo Michel de Certeau, na cidade estão os praticantes ordinários. São os cidadãos comuns, os caminhantes e pedestres “cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo” (Certeau, 1994: 171). O autor concebe a cidade habitada como um texto, que através de enunciados e falas, do discurso, da linguagem, que são os passos dos cidadãos, vai se transformando diariamente. Nas fotografias do corpus encontramos os negros pedestres e caminhantes. Eles fazem parte da grande massa de pessoas que circulam na cidade e que nela “escrevem” todos os dias. Em sua maioria, conforme é indicado pela fotografia e seu contexto, são pessoas simples e trabalhadoras.

Um exemplo desse movimento encontramos em uma edição do jornal Estado de Minas. Uma foto¹³ mostra uma calçada na Avenida Afonso Pena, na região central de Belo Horizonte. O local está cheio, e, na rua, vêem-se duas peruas e um ônibus. Alguns negros aparecem na rua. Um deles está ao lado do ônibus, em pé. Trata-se de um homem alto e forte, o que se vê por seu porte. Ele está sério e olha para frente na direção do fotógrafo. Uma mulher, também negra, entra em uma das peruas no momento em que a cena foi flagrada. São

¹¹ Chamamos de cidadão comum o sujeito que, na multidão, com ela se confundiria, o sujeito que, na vida cotidiana (e nos jornais) não possui destaque efetivo seja pela sua ocupação profissional ou pela própria representação a ele destinada pela mídia. Como cidadão “incomum”, denominamos os sujeitos que por algum motivo se destacam ou se destacaram na sociedade ou grupo de convivência, e cuja representação em nosso *corpus*, também se mostrou singular.

¹² Usamos habitantes aqui não somente no sentido de moradores da cidade, mas também daqueles que a povoam e ocupam seus espaços. Vale dizer que todas as fotografias do *corpus* trazem esses habitantes representados. Neste capítulo nos centraremos em um tipo de representação: a do cidadão como personagem da vida cotidiana em imagens que não estão vinculadas a temáticas principais como trabalho, violência ou pobreza por exemplo. Sobre estas, falaremos nos próximos capítulos.

¹³ De Sidney Lopes; 4C; 14,6 cm x 8,2 cm. Publicada na página 20 do Estado de Minas do dia 03 de julho de 2001.



eles, os negros-mestiços cidadãos ordinários e cidadãos: pessoas comuns, no centro da cidade, esperando ônibus.

Apesar da grande maioria de representações do negro-mestiço pessoa comum, cidadão anônimo ou sem destaque, encontramos alguns raros exemplos que fogem a essa seqüência. São sujeitos que identificamos pelo realce dedicado a eles pelo jornal ou que reconhecemos como pessoas públicas, renomadas, que ocupam ou ocuparam alguma posição social importante. São por isso, cidadãos “incomuns”, sujeitos singulares. Estão separados da grande massa, de alguma maneira, seja na sociedade, seja na mídia. Uma fotografia que ilustra essa situação está na capa de uma edição do jornal O Globo (referente ao caderno “Cidade”). É uma fotografia¹⁴ de rosto de um negro sorridente. Trata-se do geógrafo brasileiro Milton Santos. A legenda exalta sua vida e trajetória vitoriosa: “Milton: História de prêmios” e um pequeno texto explica que ele morreu de câncer de próstata, chamando o leitor para a matéria completa no interior do caderno RIO.

3.2. Drama social: a cidade dos pobres e do sofrimento

A questão racial no Brasil, secular e contemporânea, configura em nossa sociedade um enorme abismo social. Quando pensamos nas grandes cidades e nos vários mundos que nela existem, pensamos na diversidade e na disposição dos sujeitos em espaços determinados quase que totalmente por uma hierarquia social e econômica. Nessa perspectiva, pensamos nas classes sociais e, no caso do nosso país, na profunda e assimétrica relação entre as classes dominantes e dominadas, relação calcada na tríade: riqueza, poder e cor. Os cadernos “Cidade” retratam bem essa realidade; a pobreza e uma vida muito difícil são percebidas ao longo da leitura das imagens do nosso corpus de pesquisa.

Uma foto que ilustra isso muito bem encontramos em uma edição da Folha de S.Paulo. A fotografia¹⁵ traz representada uma mulher negra, idosa. Ela está encostada no beiral da janela de uma casa visivelmente pobre (tijolos baianos à vista) e olha vagamente à sua frente. À esquerda, e em frente à mulher, uma espécie de “painel” parece funcionar como divisória de cômodos. O painel é estampado com galhos marrons salpicados de folhas verdes. Algumas

¹⁴ De Luiz Carlos Santos/30-8-2000; 4C; 4,2 cm x 4,0 cm. Publicada na capa de O Globo do dia 25 de junho de 2001.

lâmpadas de decoração natalina dependuram-se ao seu pé. A vista da janela é de uma favela: barracos e telhados bastante pobres. A legenda da foto diz: “Dona Beatriz em sua casa em Tamarauca, umas das quatro favelas de Santo André que fazem parte do programa de urbanização e inclusão desenvolvido pela prefeitura”. É a mulher negra, moradora da favela, vítima da pobreza e da exclusão.

Seguindo nossa observação, encontramos uma foto¹⁶ (fig.8) impactante: dois garotos negros mexendo em um amontoado de lixo. Os dois estão com sacos plásticos nas mãos e parecem estar colocando o que colhem dentro deles. Aparentemente os meninos estão procurando comida. Ao lado dessa foto, outras cinco. Todas apresentam amontoados de lixo e sujeira. Possivelmente os garotos estão em algum lixão e em meio ao amontoado de entulho e sujeira, buscam migalhas e restos que, cruelmente, transformam-se em ingredientes para a sua sobrevivência.

Realizando um resgate histórico, podemos dizer que “o desleixo com que sempre se tratou os mais humildes no Brasil advém desse caráter que dominou o País por 350 anos: nada para a escravaria” (Santos, 2002: 34). Ou seja, uma perversa tradição faz com que a condição de vida dos negros de ontem ainda permeie o cotidiano de nossa sociedade, sendo presenciada e naturalizada a todo momento, mesmo quando o que se assiste é um completo alijamento social dos sujeitos e de sua cidadania plena. As imagens da pobreza confirmam essa triste realidade.

3.3. Livres sim, mas escravos da história

Hoje, o desemprego e subemprego permanentes são tão antigos que já fazem parte da cultura do mercado de trabalho brasileiro, de nossa história. E isso pode ser averiguado no nosso cotidiano, na falta de oportunidade de trabalho e de capacitação dos negros, na sua constante presença nos índices de medição do desemprego e nos trabalhos menos remunerados e “nobres” da sociedade. A exclusão e o fantasma do escravismo rondam o dia-a-dia dos negros em nossa sociedade e é essa mesma sociedade, na figura de seus governantes e órgãos públicos, que, muitas vezes, insiste em se calar e permanecer inerte frente aos

¹⁵ De Jefferson Coppola/Folha Imagem; 4C; 24,6 cm x 17,2 cm. Publicada na página C5 da Folha de S.Paulo do dia 01 de junho de 2001. (Fig.7)

problemas racial-sociais que nela co-existem. Ao longo do corpus analisado, tal realidade é visualmente comprovada. Na “cidade do jornal”, o negro aparece frequentemente em situações de trabalho manual, prestando serviços, ocupando os baixos cargos da hierarquia social e econômica do mercado de trabalho.

Relacionada ao trabalho no setor de transportes encontramos uma imagem presente em uma edição do jornal O Globo. Uma foto¹⁷ mostra um negro apresentando um cartão, no qual se lê “Rio Card” e “Transporte Rio”. O homem está sério e seu olhar está fixado em sua mão. Pelo ambiente da foto inferimos ser o homem um trocador de ônibus e o cartão à sua mão, algum cartão eletrônico que serve ou servirá de passagem nos ônibus que circulam nas vias urbanas do Rio de Janeiro.

Outro exemplo de trabalhador comum vemos numa foto¹⁸, que está na capa do jornal Estado de Minas. Na imagem, duas negras estão fotografadas em uma cozinha. Ambas estão de uniformes brancos e tocas brancas. Uma delas, mais a frente da foto, despeja uma panela de feijão em algum recipiente. Ao seu lado, bandejas e tabuleiros de comida com arroz, carne e outros pratos. A outra negra, atrás da primeira, observa o serviço. A cozinha parece ser de algum estabelecimento comercial. Segundo a legenda, as mulheres são funcionárias de um restaurante de Belo Horizonte e estão jogando no lixo sobras de comida.

Além dos exemplos acima citados encontramos o negro-mestiço em outros tipos de ocupação. Ele não só colabora para o funcionamento da cidade como também contribui para a manutenção da sua ordem e do bem estar dos cidadãos. Exemplo disso é uma grande foto¹⁹ traz um aglomerado de pessoas, que forma um círculo em volta de um carro da Polícia Militar. Entre as pessoas, percebemos alguns policiais²⁰ militares, entre eles alguns mestiços e à sua volta, alguns populares. Entre os populares, também vemos alguns negros e mestiços.

Cabe ainda dizer que no universo majoritário de trabalhadores braçais e “não-nobres”, é possível detectar um outro tipo de representação do negro-mestiço trabalhador. Uma foto que chama a atenção está em uma edição de O Globo. Na imagem²¹ estão representadas cinco

¹⁶ Sem referência; P&B; 9,6 cm x 10,5 cm. Publicada na página 21 do Estado de Minas do dia 17 de junho de 2001.

¹⁷ De Gabriel de Paiva; P&B; 9,5 cm x 9,8 cm. Publicada na página 19 de O Globo do dia 17 de junho de 2001.

¹⁸ De Maria Tereza Coréia; 4C; 7,9 cm x 5,0 cm. Publicada na capa do Estado de Minas do dia 17 de junho de 2001.

¹⁹ De Jorge Gontijo; 4C; 19,7 cm x 17,8 cm. Publicada na página 25 do Estado de Minas do dia 19 de julho de 2001.

²⁰ O policial é aquele que detém o poder e tem por obrigação, garantir a paz na cidade, intervindo contra a violência sempre que preciso²⁰. Em vista dessa atribuição, retomaremos a representação desses sujeitos na seção *Entre a segurança e a violência* quando enfocaremos nosso olhar sobre essas questões.

²¹ De Custódio Coimbra; 4C; 9,7 cm x 6,8 cm. Publicada na página 22 de O Globo do dia 11 de julho de 2001.

peessoas sentadas em uma mesa. Entre elas, vemos o arquiteto Oscar Niemeyer e uma uma negra. A legenda da foto indica que as pessoas em torno do arquiteto são técnicos e diz que o projeto ali discutido é uma espécie de “projeto dos sonhos” de Niemeyer. É o negro instruído e entre pessoas importantes. É o negro representado em uma situação diferente de trabalho, um trabalho voltado não só para “os pés e mãos”, mas para a “cabeça” também.

Apesar desse exemplo, vale ressaltar que o negro encontrado em outras situações de trabalho ao longo do jornal, pouco dos exemplos citados anteriormente. Nos locais mais nobres do jornal o negro trabalhador não está presente. São poucas as exceções, como as que vimos agora a pouco. Seja na editoria de “Economia”, seja na de “Política”, a representação visual do negro se aproxima de uma invisibilidade e revela, em muito, o pragmatismo da exclusão cotidiana em nossa sociedade.

3.4. Entre a segurança e a violência

Quando olhamos para as fotografias dos jornais e buscamos os negros-mestiços, também os encontramos imersos no mundo tenso, corrompido e violento. As imagens do corpus trazem representados aqueles que escolheram a marginalidade como sobrevivência, mas também colocam em evidência as vítimas da violência cotidiana e aqueles que lutam contra ela. Sobre a representação dos que combatem a violência, centramos nossa atenção nas imagens que trouxeram representados policiais e soldados do exército em momentos de ação. São imagens que os captaram no combate à violência e na busca pela manutenção da ordem e segurança na cidade efetivamente.

Um exemplo dessa representação encontramos em uma foto²² (fig.17) que apresenta uma tropa de policiais, vestidos com trajes de combate: farda camuflada, capacetes, escudos e cacetetes, correndo em uma mesma direção. Eles parecem tensos e nervosos. Ao fundo, um aglomerado de pessoas parece formar um corredor que dá passagem para a tropa. Entre os policiais, encontramos o negro. Um deles é o personagem central da foto. Ele repete os movimentos de seus companheiros, mas está posicionado isoladamente. Não há ninguém ao seu lado formando uma fileira como ocorre à sua frente ou atrás. Estaria ele coordenando algo? Podemos ver um outro negro na fileira de trás do primeiro, andando ao lado de outros

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação e Cultura das Minorias**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



dois brancos. É o negro policial, “protetor da sociedade”. Uma vez que existe a busca pela manutenção da ordem e da segurança dos moradores da cidade como um todo, co-existindo nesse cenário estão a violência (e seus agentes) e aqueles que sofrem com sua existência.

No universo desta temática, o negro-mestiço desponta com grande freqüência nas páginas dos jornais. Seja como agente ou vítima, as fotografias expõem sua condição de excluído ou de submisso a uma grande ordem social vigente. É nesse conjunto que a alteridade se faz presente e é através dele que muitas vezes, podemos dizer, estereótipos são reforçados, propiciando a manutenção de uma imagem negativa destes indivíduos.

*Agentes - Ao longo do corpus não encontramos nenhuma imagem que apresentasse o negro-mestiço praticando algum crime ou ato ilegal. As fotografias encontradas retratam o negro criminoso, no momento de sua prisão (ou já presos) ou o denunciam como fugitivo (capturado ou não). Exemplo disso é uma imagem do flagrante da prisão de um menor, um garoto negro. Na fotografia²³ seus olhos estão cobertos por uma tarja quadriculada que impede a identificação da pessoa. Sua expressão parece carregada, o menino parece assustado ou amedrontado. Está sem camisa e veste apenas uma bermuda. O menino está sentado em um carro que, possivelmente, é uma viatura da polícia. Ao fundo, na parte esquerda da foto podemos ver os braços de uma pessoa, aparentemente branca. Ela segura em uma das mãos algumas balas de revólver e na outra uma pistola. Pela vestimenta desta pessoa a identificamos facilmente como sendo um policial. Este porta na manga de seu uniforme um escudo. A legenda diz: “O menino detido no morro, a pistola e as balas na mão de um PM”. O título da matéria também antecipa a imagem: “MENINO DE 11 ANOS É PRESO COM TRAFICANTE – garoto usava uma pistola calibre 45 durante invasão do Morro da Coroa, em Santa Tereza”.

O menino retratado, poderíamos dizer, é um entre os muitos jovens sem opção, sem instrução ou desmotivados para buscar e alcançar outros sentidos e propósitos para a vida. Infelizmente, como sabemos, essa conjuntura ainda é mais severa para a população negra que, como mostram as pesquisas e recentemente o cinema²⁴, é maioria nas periferias dos grandes

²² De Auremar de Castro; 4C; 9,7 cm x 6,7 cm. Publicada na capa do Estado de Minas do dia 11 de julho de 2001.

²³ De Fernando Quevedo; P&B; 9,6 cm x 6,3 cm. Publicada na página 23 de O Globo do dia 09 de junho de 2001.

²⁴ Em 2002 dois filmes em especial trataram desta questão abordando-a de forma criativa, verossímil e esteticamente elaborada: *Uma Onda no Ar* e *Cidade de Deus*.

centros. Ali, muitos decidem fazer da falta de um futuro melhor uma opção, uma certeza: a de que o dia seguinte poderá ser o último²⁵.

Vale ressaltar que não somente os negros são retratados como criminosos ao longo das fotografias estudadas. Assim como relatamos, o branco também aparece retratado como agente da violência seja em companhia de negros-mestiços, seja sozinho em alguma imagem. Apesar disso, este tipo de incidência é menor. Segundo Pereira e Gomes, “a formação social brasileira incorporou o princípio de culpa antecipada dos negros, numa espécie de consenso que justifica a condenação a priori das pessoas negras” (Pereira e Gomes, 2001: 199). Sem dúvida alguma, podemos dizer, a representação majoritariamente negativa desses sujeitos pelos jornais pode contribuir em muito para isso.

***Vítimas** - Entre presos e prisões, encontramos outros personagens: aqueles que são os pacientes das ações criminosas. As fotografias cuja violência e o crime são retratados também são cenário para desvendarmos outros ângulos dessa realidade. Uma foto²⁶ muito curiosa e chocante sobre violência e agressão encontramos no jornal O Globo. Um grupo de policiais, devidamente fardados e armados, cerca contra uma parede um homem, negro, descalço e sem camisa. O negro segura um bastão na mão e tem no rosto uma expressão de susto e medo. O movimento de seus braços e pernas sugere uma tentativa de fuga. Mas ele aparentemente já está cercado. Um dos policiais está com as pernas dobradas como se estivesse indo em direção ao negro. Ele empunha um enorme cacete na mão direita e o coloca em posição de ataque para agredi-lo. Olhando para a imagem, ver o negro completamente cercado nos leva a concluir que ele seria vítima ali de mais um massacre cotidiano. Massacre, devido às suas condições de enfrentamento: além de sozinho, o negro está completamente desprovido de proteção, praticamente sem roupas e sem nenhuma arma segura. Os policiais que o cercam representam a pura naturalização da violência, por eles praticada e da qual, podemos dizer, também são vítimas. Atrás do negro e na parte superior da foto, parte de um outdoor traz uma propaganda da Telefonica onde um homem fala ao celular e exhibe um enorme sorriso. Uma ironia à dura realidade da cena exterior. A legenda da foto diz: “QUATRO POLICIAIS cercam um dos manifestantes em favela no Caju”. É o negro-mestiço vítima da violência.

²⁵ Poderíamos dizer que os menores retratados e envolvidos no mundo do crime, além de agentes são também vítimas dessa realidade. Apesar disso, usaremos o termo vítima nesta seção somente para os sujeitos que são pacientes de ações criminosas.

3.5. Intervenções no espaço urbano: lutas pela cidadania

As desigualdades assistidas no cotidiano das cidades grandes e as demarcações bem definidas de ocupação social pelos sujeitos não só revelam uma hierarquia instaurada, como também contribuem para a manutenção de uma constante instabilidade no espaço urbano. E é nesse contexto que, muitas vezes, cidadãos decidem confrontar a ordem vigente e lutar pela efetivação de seus direitos. Algumas vezes essa luta se dá de forma pacífica, outras vezes de forma violenta. Mas em todas elas, a grande maioria sobre a forma de protesto, percebe-se a busca pela cidadania, pela afirmação do desejo de igualdade e condições equânimes de vida para muitos que na maioria das vezes pouco têm.

Dentre as imagens do *corpus* que melhor ilustraram a luta de negro-mestiços contra desigualdades e problemas cotidianos, três episódios mereceram grande destaque na cobertura dos jornais: um protesto contra policiais em uma favela do Rio de Janeiro, a greve dos perueiros (motoristas ambulantes de Belo Horizonte) e a greve das Polícias Militares de alguns estados brasileiros. Neles, a postura do negro-mestiço variou, assim como suas reivindicações e bandeiras, bem como os grupos dos quais ele fazia parte. Apesar disso em todos, mesmo como protestos isolados, a voz dos excluídos e o grito por cidadania ecoaram fortemente pelas páginas dos periódicos recortados.

Mas além dos grandes protestos, alguns protestos isolados também foram percebidos ao longo do *corpus*. São eles, os protestos cuja cobertura jornalística não dá grande destaque, devido principalmente às suas proporções e às suas conseqüências. Apesar disso, tais movimentos cumprem papel importante pois simbolizam o cotidiano de forma mais próxima, assim como a instabilidade que permeia o tecido social no território das grandes cidades. Nestes pequenos “levantes” o negro-mestiço é novamente personagem.

Nesse contexto, vale citar uma imagem que talvez seja uma das mais emblemáticas de todo o nosso *corpus*. A fotografia²⁷ mostra um rapaz negro de baixo para cima. Ele está sem camisa, de bermuda, usa óculos, e em sua cabeça vemos algo que lembra uma coroa de espinhos. O rapaz está preso em uma cruz. A imagem remete a Jesus Cristo crucificado. Abaixo do rapaz e atrás dele está uma fileira de aproximadamente mais doze jovens. Todos

²⁶ De Michel Filho; P&B; 9,7 cm x 11,4 cm. Publicada na página 18 de O Globo do dia 19 de julho de 2001. (Fig. 23)



estão de camisas brancas, que trazem estampados desenhos idênticos. Postam-se frente a uma grade que cerca um prédio localizado bem mais ao fundo. Uma corrente envolve suas mãos. Seus punhos se sobrepõem, o que dá impressão de estarem algemados. Entre eles também encontram-se um negro e mais quatro moças mulatas. Na grade vemos três cartazes afixados. Entre os jovens também encontramos um cartaz. A imagem se refere a um protesto de estudantes de cursinhos populares do Rio de Janeiro, reivindicando a implementação do sistema de quotas (50% das vagas para estudantes advindos de escolas públicas estaduais) na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). O negro crucificado é o estudante André Guimarães, de 21 anos, estudante da rede estadual de ensino fluminense. Sua “crucificação” simbólica incorpora a realidade de muitos estudantes das escolas públicas do país, cujo ensino é considerado precário. Nas escolas públicas está a maioria de estudantes negros e mestiços do país. Nelas, faltam estrutura, equipamentos e segurança. Protestar, contestar, lutar por esse desfecho nunca será desnecessário.

Todas as imagens que retrataram protestos e nas quais o negro-mestiço aparece, invertem a ordem de representação do jornal que, em grande parte, coloca como voz-ativa e articulador o branco. Essa postura cria novas representações para esses sujeitos e coloca em cheque posições desigualmente hierarquizadas em nossa sociedade. Segundo Pereira e Gomes, “a definição das representações ocorre a partir do momento em que o desejo de ser o centro (Eu e Nós) e não a periferia (Outro e Eles) evidencia o confronto entre os atores sociais” (Pereira e Gomes, 2001: 42). Não podemos dizer que através das manifestações os negros-mestiços adquirem a condição de Eu, mas ao colocarem-se no centro das atenções, deslocando-se da periferia, eles deixam de ser um Outro, passam a ser outros Outros, sempre cidadãos, lembrando à sociedade tal condição.

4. POR UMA OUTRA IMAGEM

Em nossa análise, partindo do negro-mestiço como sujeito e personagem, percebemos que sua presença nos jornais se dá de variadas formas, com diferentes graus de inserção. Nos defrontamos com o negro-mestiço trabalhador, pobre, sofredor, vigilante, protetor, criminoso,

²⁷ De Ana Carolina Fernandes/ Folha Imagem; 4C; 14,6 cm x 9,9 cm. Publicada na página C6 da Folha de S.Paulo do dia 19 de julho de 2001.



reivindicador. Nos deparamos com o negro-mestiço cidadão comum, habitante da cidade e, raras vezes, com um cidadão não-comum, singular, destacado nas páginas jornalísticas, mesmo que em pequeno número e em espaços bem delimitados.

Dessa forma, podemos dizer, encontramos a maioria dos negros e mestiços representados nos periódicos de forma negativa, à margem das decisões da sociedade, ocupando lugares e posições pré-determinadas por uma ordem social vigente e que no esqueleto, na conformação do jornal, está transparecida e porque não dizer, hierarquizada. Nesse sentido, pensando as imagens e as fotografias presentes nesses espaços, devemos lembrar que, “é a partir de imagens visuais ou da visualização de imagens que se criam as imagens mentais, que por sua vez podem originar uma série de equívocos (estereótipos) que dão forma e conteúdo à mentalidade de uma cultura” (Silva, 2001: 130). Assim sendo, o que se observa a partir da representação dos negros e mestiços nos jornais é muitas vezes o reforço, a atualização de uma realidade histórica de exclusão e de um racismo hoje disfarçado.

O que vimos nas páginas dos jornais analisados e o que diariamente pode ser percebido na mídia jornalística é um retrato de uma sociedade independente da maneira como está construído ou delimitado. E, uma vez que nesse cenário a imagem de negros e mestiços é negativa, estereotipada, apenas uma mudança na imagem do negro na mídia não seria significativa, apesar da importância desse processo para o imaginário coletivo e compartilhado da população. A reparação histórica em relação aos negros e à sua imagem não deverá partir somente da grande mídia, mas sim, de toda a sociedade. Segundo Milton Santos (1995), a reparação da imagem do negro não pode ser apenas da construção de uma nova imagem, mas a de uma nova realidade. É nisso que acreditamos.



Bibliografia

- AMARAL, Rita. *O que é uma cidade?*. www.aguaforte.com/antropologia.
- ARRUDA, Rogério. *Álbum de Bello Horizonte: Signo da Construção Simbólica de uma Cidade no Início do Século XX*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2000. 19ª ed.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FRANCISCO, Dalmir. *Negro, Etnia, Cultura e Democracia*. In.: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No. 25. Rio de Janeiro, RJ: 1997. Pp 184-197.
- MESQUITA, Zilá. Cotidiano ou quotidiano? In: MESQUITA, Zilá e RODRIGUES, Carlos. *Territórios do cotidiano*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002. pp 12-26.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Leticia V. de Sousa (orgs.). *Negras Imagens*. São Paulo: Edusp, 1996. pp. 179-193.
- NAGIB, Lúcia. A imagem do negro: Debate entre Benedita da Silva, Big Richard, Milton Santos, Muniz Sodré e Walter Avancini. In: *Revista Imagens*, n.4. Campinas: Editora Unicamp, abr. 1995. pp. 114-121.
- PARK, Robert E. A cidade: Sugestões para investigações do comportamento humano no meio urbano. In: GUILHERME VELHO, O. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. pp 29-72.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida & GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *Ardis da Imagem*. Belo Horizonte: Mazza Edições & Editora PUCMINAS, 2001.
- SANTOS, Hélio. *Os dois Brasis*. In: Revista Carta Capital, n. 216. São Paulo: Ed. Confiança Ltda., 20 de nov. 2002. pp. 30-36.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. pp 251-274.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz.. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- VILCHES, Lorenzo. *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona: Paidós, 1987.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como forma de vida. In: GUILHERME VELHO, O. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. pp 97-122.
- WOODWARD, Kathryn. : “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. Pp 7 - 72.